

## PANEGÍRICO DE SÃO FRANCISCO

feito por S. Gaspar Bertoni

em S. Firmo Maior - Verona - aos 04.10.1808

"SE ALGUÉM QUER VIR APÓS MIM, RENEGUE-SE A SI MESMO,  
TOME SUA CRUZ E SIGA-ME" (Mt 16, 24).

1844 Neste dia sagrado da gloriosa memória do Seráfico Pai, coube a mim apresentar à vossa devoção um pouco de alimento espiritual, e não saberia como resolver melhor este encargo, se não dirigindo à vossa devota e condescendente atenção os trechos mais significativos da sua vida.

Falar das ações heróicas de Francisco de Assis é falar de todas as virtudes, de todo gênero de perfeição e da santidade no grau mais elevado.

1845 Falar deste herói e santo é falar do ESPÍRITO DE PENITÊNCIA MAIS PERFEITO, DO ESPÍRITO DA CRUZ MAIS SUBLIME, DO ESPÍRITO MAIS ARDENTE DO AMOR DE CRISTO CRUCIFICADO.

Eis porque bem se adaptam a ele as palavras de Cristo em Mt 16, 24:

"SE ALGUÉM QUER VIR APÓS MIM,  
RENEGUE-SE A SI MESMO (este é o espírito de penitência),  
TOME A SUA CRUZ (é o espírito da cruz),  
E SIGA-ME" (este é o espírito de amor).

Aqui encontramos o início, as etapas, e o ponto de chegada da santidade.

Eis o caminho traçado, para quem quer percorrê-lo: "SE ALGUÉM QUER...", não para quem queira percorrê-lo confiando nas próprias forças, mas para quem confia na bondade do Senhor: VINDE APÓS MIM.

Tudo isso é falar de Francisco.

E ao ouvir estas palavras, estou certo, apesar da minha impropriedade, fará nascer dentro de vós um crescente desejo de imitar aquele que tão bem imitou Cristo.

## I - EM FRANCISCO EXISTE O ESPÍRITO DE PENITÊNCIA NO MÁXIMO GRAU.

1846 "SE ALGUÉM QUER VIR APÓS MIM, RENEGUE-SE A SI MESMO". RENEGUE-SE A SI MESMO. Eis o espírito de penitência. Conseqüência deste espírito é a mudança de comportamento da pessoa. Do ponto de vista exterior, renunciando as próprias coisas. Do ponto de vista interior, renunciando a si mesmo. Renunciar as coisas: não ser mais dono delas. Renunciar a si mesmo: não ser mais administrador de si mesmo.

"Se é fácil renunciar a propriedade, muito mais difícil é a renúncia de si mesmo".

Renuncia a si mesmo quem deixa de viver segundo a velha vida de Adão, concentrada em si mesmo, e começa a viver segundo a vida nova do dom da graça (cfr. S. Gregório, Homiliae...). Isto acontece por que o homem é levado por este espírito a sentir náuseas do que antes amava, e a amar o que antes repugnava. Assim S. Ambrósio. São Jerônimo nos diz que vive o espírito de penitência e renúncia a si mesmo quem passa de intemperante a controlado, de impudico a casto, de avaro a generoso.

1847 Observemos a mudança de comportamentos: um homem, antes, bastante rico, sempre presente nas praças mais reputadas pelo comércio, talentoso, atento às mudanças do mercado, todo cuidadoso para acumular riquezas, não injustas, mas, porém sempre humanas e caducas..., este homem, de repente, o encontramos na porta da igreja com os andrajosos, com uma roupa trocada com um deles pela sua nova e na moda; um homem atento e zeloso em busca, da pobreza.

E quem é este? É Francisco. Mas de onde vem uma mudança tão estranha de comportamento? Vem de uma mudança ainda mais estupenda de interesses. Interrogemos ele mesmo: "O que podia ser para mim ganho, eu considero uma perda por causa de Cristo" (Fl 3, 7).

1848 O Pe. Segneri, comentando estupendamente este trecho de S. Paulo, diz: É como um negociante que compra pérolas no escuro, e gasta nelas todo o seu dinheiro, colocando nelas todas as expectativas para um futuro rico, abastado e cheio de popularidade. Mas chegando o dia, descobre ter comprado vidro e não pérolas. Naquele momento muda a sua atitude: julga-as uma perda, não um lucro. Assim aconteceu com Francisco. Quando era comerciante, via que através das suas especulações ganhava para seus prazeres, alegrava-se sentindo crescer sua fortuna, regozijava-se complacente sentindo seu nome estimado, e isto lhe conseguia, amigos e era instrumento para ulteriores lucros maiores.

1849 Tudo isto enquanto era escuridão. E muitos de nós hoje estamos nesta posição. Nós, porém, podemos dizer, para confundir a nossa preguiça e nosso relaxo;

"A luz da justiça não brilhou para nós" (Sb 5, 6). Não conhecemos o verdadeiro valor do bem, da virtude. Mas "Deus levou a luz dentro das trevas em que Francisco vivia; e ele cooperou positivamente, com o espírito de penitência, e assim removeu os impedimentos à luz que, ajudada pela maior luminosidade da palavra do Evangelho, insinuou-se dentro de seus anteriores conhecimentos: e ele descobriu que não estava acumulando lucros, mas perdas, perdas certas: "Por Cristo". As suas riquezas eram perdas: primeiro, porque não as via mais como lucro, já que com elas não se pode adquirir o amor de Cristo, segundo, porque trazia um prejuízo: de fato as riquezas roubam o amor de Cristo para quem já o experimentou. E por isso: "O que podia ser para mim um lucro..." (Fl 3, 7).

1850 Mas ainda, há mais. Francisco, ajudado por aquela luz chegou a considerar perda, não só as coisas que antes estimava, isto é seus prazeres, as riquezas, a reputação, mas considerou perda também todas as outras que não eram Cristo: o nome da família, a inteligência pronta, os dotes pessoais..., e isto sempre pela mesma razão: "Por Cristo". Para quem quer voltar a atenção para estas coisas humanas, é melhor que não queira seguir Cristo, ou que o abandone. "Na verdade, julgo como perda todas as coisas" (Fl 3, 8).

1851 Mas como pôde Francisco chegar a tomar uma decisão tão resoluta? Também porque vivia em um contexto em que se consideravam as riquezas muito importantes, e portanto lhe eram contrárias com a violência de uma torrente em cheia. "Só contra todos", como Noé, comentaria o Crisóstomo. Como e porque conseguiu? "Por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo" (Fl 3, 8). Chegou a ela por conhecimento adquirido, não dos sábios, mas de Cristo, e conquistou um eminente conhecimento de Cristo. Um conhecimento sublime, seja porque supera toda ciência que não tem Cristo por objetivo, seja porque, também entre estas, a de renunciar a tudo. "Quem não renuncia..." (Lc 14, 33), não é ciência comum, mas eminente, justamente porque é a menos praticada. Colocar-se nu, por não querer outra coisa sobre a terra, senão Cristo nu: "Por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo" (Fl 3, 8).

1352 Assim este conhecimento levou Francisco a renunciar a tudo: a tudo o que era seu, até mesmo as vestes e o cavalo, pondo-se viver entre os mendigos de S. Damião; mesmo os pais que abandonou sem mesmo despedir; a renunciar totalmente a si mesmo: aproximando-se de um leproso, e para vencer sua resistência interna chegou a beijá-lo na boca; o leproso, então, quase como prêmio a Francisco, perdeu seu horrível aspecto para assumir o do seu amosíssimo Salvador. Francisco renuncia não só o que possui e é, mas também o que poderia ter e ser no futuro. Renuncia às vantagens da sua rendosa profissão, e aos muitos recursos do seu talento. "Tudo". Persuadiu-se, não em nível teórico, mas na prática, que Cristo só,

podia preencher o vazio do que deixava para ter Cristo nu na cruz, ao contrário lhe dava mais: "Tudo por causa de Cristo".

1853 Renúncia total e universal. Mesmo a bens que ainda não havia renunciado, porque não os possuía nem agora de fato, nem os esperava para o futuro (por exemplo o poder, as honras, regalias e rendas), todavia as renunciava: "Todas as coisas, todas as coisas". Renúncia muito decidida. De fato não só as renunciava, mas as recusava: "Por causa Dele reputo perda todas as coisas" (Fl 3, 8), e também as jogava fora com desprezo, justamente como se faz com as coisas que podem comprometer. "Todas as coisas considere uma perda". Assim fez com uma bolsa que continha o dinheiro das suas propriedades vendidas. Primeiro a ofereceu ao padre de S. Damião para a restauração, e quando este, por medo do pai, a recusou, jogou-a dentro da janela da primeira casa que encontrou: gesto nobre e de decidido desinteresse.

1854 Não só com desinteresse, mas também com desprezo e ódio violento: "As considero como lixo" (Fl 3, 8). Todos os bens do mundo são esterco: "Todas as coisas como esterco". São esterco os prazeres do sentido: produzem uma opinião negativa em quem está longe da fé e dão um péssimo testemunho em quem está perto. "Os animais apodreceram no próprio esterco" (Jl 1, 7). São esterco os lucros da avareza: fruto de hediondez, que muito facilmente contaminam também quem os usa; "O preguiçoso é semelhante a uma bola de esterco, quem a recolhe suja a mão" (Eclo 22, 2).

1855 É esterco a glória e a ambição, pela sua veloz e repentina degradação, purulência e apodrecimento: "Não receeis as ameaças do ímpio, porque sua glória chega à lama e aos vermes; hoje ele se eleva, e amanhã desaparece" (1Mc 2, 62-s.). "O nome dos ímpios apodrecerá" (Pr 10, 7). Assim Francisco renunciava a tudo com decisão e desprezo, apresenta-se nu diante do bispo, para poder correr com agilidade e voar para abraçar não as consolações e os prazeres, mas a cruz, e a cruz de Cristo.

## **II - EM FRANCISCO ESTÁ A PERFEIÇÃO NO ESPÍRITO DA CRUZ.**

1856 "TOME A SUA CRUZ". Eis o espírito da cruz. Não tomou a cruz às costas por força, como o Cireneu, mas por escolha livre e espontânea. Não olhou a mais leve: escolheu a mais pesada. Não a arrastou com fadiga, ou lamentando-se, nem com resignação ou por obrigação; mas a carregou com gratidão, com alegria no coração, com indizível prazer e regozijo e exultação de espírito; a carregou só pelo grande amor ao sofrimento. Daqui se compreende a sua terna atenção também ao sinal visível da cruz do seu Salvador. Jamais se curvou sob o peso, nem pela delonga do tempo ou pela sobrecarga: sempre direto para seu objetivo, sempre constante nas suas aspirações, levou a cruz içando-a como glorioso estandarte do seu triunfo. Assim Assis viu entrar em triunfo no meio dos seus seguidores.

1857 Os seus próprios concidadãos, acreditando-o enlouquecido, insultavam-no aos gritos e atiravam-lhe pedras e lama. S. Jerônimo diz que a perseguição por parte dos inimigos é o primeiro gênero de cruz; e Francisco a teve dos assisienses e dos amigos, e de modo bastante violento do pai, e dos seus próprios frades e também de alguns dos seus primeiros companheiros, e esta foi para ele a mais amarga. E aconteceu a tribulação mandada por Deus: o papa realmente no início não o reconhecendo, recusou-lhe audiência; só mais adiante, sabendo em visão que era Francisco, o fez voltar e condescendeu em tudo o que pedia para a aprovação da Ordem.

Tribulação maior sentiu quando alguns dos seus frades se rebelaram ao seu carisma.

A máxima quando Deus expressamente lhe impôs autorizar a eleição como responsável da Ordem o frade mais rebelde e turbulento. Deus tem maneiras ocultas e todavia adoráveis, para colocar seus servos a prova.

1858 O segundo gênero de cruz é a tentação do demônio. Esta também Francisco sofreu, e bastante forte e constante, tanto interior como física, com toda espécie de prova.

O terceiro gênero de cruz, é cruz bastante pesada, é a severíssima mortificação que ele mesmo se impôs: pouco alimento, apenas suficiente para manter-se, e este alimento era tornado insípido com cinza ou, se cozido, com água gelada. Os alimentos cozidos os tomava só quando estava muito mal. Brevíssimo sono, deitado por terra, com uma pedra ou um pau como travesseiro, depois de um dia gasto na pregação; senão dormia "al volo", em pé ou sentado. O corpo era mortificado por uma veste áspera, tornada molestante de propósito, que deixava sofrer todo o calor e todo o frio das estações, corpo atormentado por ele com cilícios, macerado por longos jejuns, marcado por severas flagelações, embora, quase habitualmente doente e fraco.

1859 E não satisfeito com esta cruz, já tão pesada, Francisco foi entre os bárbaros, e procurava um violento e feroz, que o ajudasse a subir mais depressa sobre a cruz. Mas não encontrou esse auxílio. Então se esforçou para subir sozinho, tal era o seu amor por Cristo, (Desejo desprender-me para estar com Cristo" - Fl 1, 23), que a própria vida de cada dia era fadiga e cruz, e um martírio. "O mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gl 6, 14).

Ei-lo na cruz. Mas o amor jamais disse chega.

1860 Não lhe é suficiente mais ser sofredor na cruz, porque ainda está vivo: quer estar crucificado e morrer assim: "Eu morri" (Gl 2, 19). O amor o ajudou nisto: "O amor é forte como a morte" (Ct 8, 6).

Finalmente está totalmente morto: morto parada a vida sensível, morto para o mundo. Um morto não vê, não sente, não saboreia, não tem sensações nem movimento, não fala: não se enraivece, não fica ressentido, nem se comove. Assim era Francisco no confronto com o mundo que estava fora dele.

Mas ele tinha também um mundo interior: a tríplice concupiscência, de que fala S. João (1Jo, 16). Para tudo quer ser morto.

1861 À CONCUPISCÊNCIA DA CARNE. Seja ele jogado nu entre os gelos e as neves dos montes: o importante é que morra.

À CONCUPISCÊNCIA DOS OLHOS, que é a avareza. Não tem teto que o proteja, nem roupa que o esquente e cubra a nudez, nem um pedaço de pão para saciar a fome. Nada, absolutamente nada de próprio, assim possa morrer.

À SOBERBA DA VIDA. Reune-se o povo de Assis na praça: Francisco entra na igreja maior, se despe, ficando só de ceroulas, amarra uma corda no pescoço e, diante do povo, faz-se levar na praça no lugar onde levam os malfeitores, sobe numa pedra (tem febre e treme todo de frio, está para desfalecer), e proclama ao povo com todo o ardor e vigor que lhe resta, de modo que seja claro para todos: "Eu não posso ser considerado como um homem de Deus. Todos devem desprezar-me como homem do mundo e glutão, porque no momento mais forte da doença comi carne". Seja anunciado, gritado, feito ouvir a todos: mas a soberba morra. "Eu estou morto" (Gl 2, 19).

1362 "Eu estou crucificado", "eu estou morto". Mas nem assim o meu amor se satisfaz; o será quando também eu for pregado na cruz com Cristo, e justo sobre a cruz de Cristo. "Estou pregado à cruz de Cristo" (Gl 2, 19). O conceito é mais claro no grego: "Christo sun-estaùromai". "Com-crucificado com Cristo": isto é crucificado junto com Cristo, quase enxertado e com-plantado na árvore da cruz de Cristo, tendo assim em comum com a árvore a linfa e a vida, isto é a graça e a caridade.

1863 Deste amor de com-paixão", transformante, o primeiro efeito é a união, segundo o autor do livro 'Os nomes divinos' (De divinis nominibus). Por isso Francisco está unido e quase um com Cristo crucificado: "Para que sejam uma coisa só comigo" (Jo 17, 21).

O segundo efeito é a assim chamada "MUTUA INESIONE". E isto fazia Francisco exclamar: "Um saquinho de mirra: o meu bem-amado para mim, e eu para ele" (Ct 1, 12 e 2, 16).

O terceiro é um PENSAMENTO CONSTANTE. Francisco podia dizer que o seu bem-amado Jesus lhe era um "saquinho de mirra que repousa sobre seu peito" (Ct 1,

12), sua inteligência e sobre a vontade, para uma constante e amorosa contemplação. Porisso só à lembrança do seu Senhor crucificado o seu coração se enternecia todo.

1864 Quarto efeito é o "ÊXTASE". E é aquilo que na verdade experimentou naquela noite em que, como narra S. Boaventura, lhe apareceu um Serafim e recebeu no espírito um ardor indizível, e no corpo um sinal indelével: as cinco chagas do Salvador. Assim não mais parecendo um homem terreno, mas um Serafim do céu, uma imagem viva do crucifixo, quase todo transformado em Cristo.

E assim, sem perceber, os introduzi e muito profundamente para o cume daquela perfeição que consiste em andar após Cristo: o que eu quero tratar agora, no terceiro ponto.

### **III - EM FRANCISCO ESTÁ O ESPÍRITO DE AMOR MAIS ARDENTE.**

1865 "E SIGA-ME" (Mt 16, 24)

É o espírito de amor em seguir Cristo: "E siga-me". O que fizemos até agora é mais um vôo que uma caminhada. Agora, e espero que os agrade, iremos passo a passo percorrendo outra vez o caminho, adaptando minhas palavras, para que todos possamos, conforme nossas capacidades, chegar também nós a esta meta, ou ao menos entrevê-la, para alcançá-la depois com nosso passo.

MUITÍSSIMOS seguem Cristo prevendo uma vantagem temporal. Ora, o mercenário, chegando à porta, recebe o pagamento, mas fica fora da casa: "Já receberam sua recompensa." (Mt 6, 2).

MUITOS SEGUEM Cristo com a atitude de servos, por temor. Estes seguem, mas de longe, e, ficando longe, jamais participam dos segredos do seu Senhor: "O servo não conhece a vontade do seu Senhor" (Jo 15, 15).

ALGUNS seguem Cristo como filhos, por amor um pouco interessado na herança. Mas os filhos, muitas vezes, são mais amados que amantes, e às vezes, chegam mesmo a desprezar o pai se manda fazer coisas que lhes desagradam, que podem ser razoáveis e úteis, mas difíceis e trabalhosas: "Eu criei filhos e os eduquei, eles, porém, se revoltaram contra mim". (Is 1, 21).

1867 POUCOS seguem Cristo como amigos, que fundamentam seu amor na recíproca comunicação de bens. Mas se termina, por motivos ocultos, embora justos aos olhos de Deus, a doce influência destes bens, e acontece a amarga participação aos males do amigo: "Todos os abandonaram e fugiram" (Mt 26, 26); e são os mesmos que antes se declararam amigos de Jesus: "Todos buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo" (Fl 2, 21).

1868 POUQUÍSSIMOS SEGUEM Cristo como amantes, que desde o primeiro lampejo juvenil do seu terno amor, seguem Cristo onde quer que Ele vá, no Tabor como no Calvário. Correm atrás Dele, no odor dos seus perfumes, das inspirações e consolações interiores. Mas não conseguem correr no seu ritmo, nem estar ao seu lado, porque ele percorre o seu caminho não com passos, mas com saltos de gigante: "Exulta como um gigante" (Sl 18, 6).

Ao invés a ESPOSA, madura na escola do amor, não é atraída pelo perfume, mas pela destra do Esposo: "arrasta-me" (Ct 1, 3); e apoiando-se fortemente Nele e confiando na sua força, procede lado a lado, e com ele não corre, mas voa; "Apoiada no seu bem-amado" (Ct 8, 5).

1869 Assim é Francisco no seguimento de Cristo. "E siga-me" (Mt, 19, 24). Não atrás, mas ao lado; não perto, mas junto; e não só junto, mas transformado.

Francisco não procura consolações, alegrias ou os dons de Cristo; ele procura Cristo. "A fim de ganhar Cristo" (Fl 3, 8). Cristo nu na cruz, nas perseguições e na pobreza; e isto desde o princípio. Francisco parece iniciar onde outros com fadiga parecem ter chegado no fim. "Mas tudo isso que para mim eram vantagens, considereei perda por Cristo. Tudo desprezei, e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo" ( Fl 3, 7s ). Deixa, recusa, renuncia todas as coisas não para ter o amor, o serviço, a seqüela de Cristo, mas o próprio Cristo. "A fim de ganhar Cristo" (Fl 3, 8). Francisco desde o começo não queria nada menos que Cristo, e todo o Cristo.

1370 E o conseguiu de fato! Chegou quase a ser um espírito com Cristo, de modo tão elevado que pôde dizer: "Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20). Aconteceu uma total e perfeita transformação de amor: "A fim de ganhar Cristo e estar com Ele" (Fl 1, 8s). Renunciou tudo de si, para encontrar-se todo no Cristo. E hoje nós não podemos encontrar Francisco se não com Cristo, antes, em Cristo. A nós hoje torna-se difícil distinguir Francisco de Cristo: desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo.

1871 Um santo assim tão transformado pelo amor; um santo que provou tais e tantos desejos de amor e êxtase; um santo, e o afirmo com o Sales, que Deus mostrou ao mundo como um milagre de amor, não podia morrer senão por excesso de amor. E de fato morreu de amor.

Observai-o no momento da morte: se fez deitar nu na terra. Um o cobre com o próprio hábito. Ele fala aos seus frades que o rodeiam, e fala de amor. Recomenda, que amem e temam a Deus, amem e respeitem a sua Igreja. Fez com que lessem a narração da Paixão, e enfim, com muita intensidade, inicia o Salmo 141, 2: "Minha voz lança um grande grito ao Senhor, em alta voz imploro ao Senhor". E, tendo pronunciado o versículo oitavo: "Tirai-me desta prisão , para que possa agradecer ao

vosso nome. Os justos virão rodear-me quando me tiverdes feito esta graça", expirou. Estava na plenitude da idade adulta, tinha 44 anos.

1872 Um passarinho na gaiola sente-se amado pelo seu dono, e acredita estar bem. Mas se um dia pela janela vê e ouve outros pássaros que são livres para voar e chilreiam em coro, o nosso passarinho sentirá crescer dentro de si o desejo reprimido de liberdade, e experimentará com a cabeça, as asas e o corpo a romper as grades da sua prisão. Assim Francisco, este serafim de amor. Ouvindo, eu creio, os cantos de amor que no céu os anjos e os santos tributam a Deus, movido por um desejo irrefreável de estar com eles, aliás com Deus, bateu, sacudiu, empurrou tanto e tão forte as trancas e as grades do seu corpo, que finalmente o seu amado e amante Senhor se enterneceu e o libertou da prisão. Na verdade Francisco pode dizer no singular: "Atrai-me" (Ct 1, 3), porque o grau do seu seguimento a Cristo é totalmente singular.

1373 Ele pode dizer, como a Esposa, no singular: "Atrai-me", e com a Esposa ao mesmo tempo dizer: "Correremos atrás de ti, seguindo a fragrância dos teus perfumes" (Ct 1, 3). Ele pode dizer hoje, e com ele podem dizer tantos filhos seus, que são luminosos e numerosos como as estrelas, e refulgem gloriosos na eternidade (Dn 12, 3), formando em torno dele no céu uma coroa de triunfo, e são para nós aqui na terra luz de testemunho; ele pode dizer a todos seus devotos admiradores e fiéis seguidores; aos grandes imitadores do seu espírito, que vivem por toda parte, de toda idade e condição, de todo lugar e tempo, até que seja pregado o Evangelho de Cristo (e o será até o fim do mundo, pela segura promessa), ele pode dizer a todos: "SE ALGUÉM QUER VIR APÓS MIM..." (Mt 16, 24).

1874 Sim, Francisco pode dizer, e dizer no plural: "Correremos atrás de Ti" (Ct 1, 3): como dizer: "eu correrei seguindo o perfume dos exemplos de Cristo, pelos quais sou atraído; vós correreis ao perfume dos meus exemplos, que não são meus, mas de Cristo: "Atrás da fragrância dos teus perfumes" (Ct 1, 3). De fato eu posso dizer com o Apóstolo: "Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (1Cor 4, 16), no ESPÍRITO DE PENITÊNCIA, NO ESPÍRITO DA CRUZ, no ESPÍRITO DO AMOR".

"SE ALGUÉM QUER VIR APÓS MIM, RENEGUE-SE A SI MESMO..." (Mt 16, 24).

FAUSTO TORRESENDI.

§§§